



ESCOLA DE SAÚDE PÚBLICA DO ESTADO DE MINAS GERAIS
Especialização *lato sensu* em Saúde Pública

Alessandra Guimarães Foschetti

SENTIDOS DO TRABALHO NA APS

Belo Horizonte

2024

Alessandra Guimarães Foschetti

SENTIDOS DO TRABALHO NA APS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais
como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Saúde Pública.

Orientador(a): Prof. Ms. João André Tavares
Álvares da Silva

Belo Horizonte

2024

F747s Foschetti, Alessandra Guimarães.
Sentidos do trabalho na APS. / Alessandra Guimarães Foschetti.
– Belo Horizonte: ESP-MG, 2024.

42 f.

Orientador(a): João André Tavares Álvares da Silva.

Monografia (Especialização) em Saúde Pública.

Inclui bibliografia.

1. Atenção Primária à Saúde. 2. Sistema Único de Saúde.
3. Saúde Pública. 4. Trabalho. 5. Pessoal da Saúde. 6. Sentidos do Trabalho.
I. Silva, João André Tavares Álvares da. II. Escola de Saúde Pública do Estado de
Minas Gerais. III. Título.

NLM W 84.6

Alessandra Guimarães Foschetti

SENTIDOS DO TRABALHO NA APS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais
como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Saúde Pública.

Profa. Dra. – ESP-MG (Orientadora)

Profa. Dra. – UFMG (Banca Examinadora)

Prof. Ms. – PBH (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 07 de agosto de 2024.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em Saúde Pública utilizou o método de revisão integrativa da literatura nacional, e realizou uma síntese do conhecimento e compreensão dos diferentes conceitos encontrados sobre os sentidos que, profissionais de diferentes categorias da Atenção Primária à Saúde (APS), atribuem ao seu trabalho. A análise dos sentidos atribuídos ao trabalho, encontrados nas pesquisas, se baseou no referencial teórico da Escola Sociotécnica, por meio dos estudos de Eric Trist do Instituto Tavistock de Londres e outros colegas, como Hackman e Oldhan (1975), sobre a insatisfação de trabalhadores do setor de mineração do Reino Unido, além dos estudos de Morin (2002). Todas as pesquisas apontaram que o trabalho na APS é capaz de proporcionar ao trabalhador: aprendizagem contínua e crescimento pessoal, sensação de prazer, identificação com todo o processo de trabalho, de modo que o trabalhador perceba sua importância, a construção de relações interpessoais satisfatórias, reconhecimento e apoio dos pares, e sentimento de contribuição social, de utilidade do resultado de um trabalho moralmente aceitável, justo e responsável. Porém, a construção desses sentidos perpassa a interrelação pessoal do trabalhador com a sua função, com os pares e a população. Por parte da organização, foi unânime que o trabalho na APS permite um futuro desejável, segurança de um salário digno e não permite o ócio. Porém, foi comum em todas as pesquisas, exceto a que pesquisou uma categoria que ocupa uma posição hierárquica de liderança (gerentes) frente às outras categorias profissionais pesquisadas, que o trabalho na APS não proporciona os sentidos apontados por Morin(2002) por parte da organização: possibilidade de exercer o livre-arbítrio, desenvolver competências, acompanhar a evolução do desempenho, ressignificar as práticas e modificar a forma particular de lidar com as dificuldades. Essas lacunas identificadas por meio dessa pesquisa, aponta para a deficiência de processos de desenvolvimento do trabalhador que lhe garantam sentidos estruturantes, como: o aprimoramento da variedade e diversidade de habilidades e competências, promovendo desafios associados à uma rotina de feedback sobre os resultados das atividades executadas, possibilitando os ajustes necessários para alcançar os objetivos do desempenho traçado; falta de autonomia do trabalhador na coordenação das suas atividades e nas decisões sobre os processos de trabalho. Este estudo aponta que a organização e gestão da APS devem investir em estratégias de Educação Permanente e promoção de autonomia do trabalhador, através da criação de espaços de discussão coletiva, para construção conjunta de soluções para o processo de trabalho e assistencial.

Palavras-chave: Atenção Primária à Saúde, Sistema Único de Saúde, Saúde Pública, Trabalho, Pessoal da Saúde e Sentidos do Trabalho.

ABSTRACT

This Final Paper for the Postgraduate Course in Public Health used the integrative review method of national literature, and carried out a synthesis of knowledge and understanding of the different concepts found about the meanings that professionals from different categories of Primary Health Care Health (APS), they attribute to their work. The analysis of the meanings attributed to work, found in the research, was based on the theoretical framework of the Sociotechnical School, through studies by Eric Trist from the Tavistock Institute in London and other colleagues, such as Hackman and Oldhan (1975), on worker dissatisfaction of the UK mining sector, in addition to studies by Morin (2002). All research has shown that work in PHC is capable of providing workers with: continuous learning and personal growth, a feeling of pleasure, identification with the entire work process, so that the worker realizes its importance, the construction of satisfactory interpersonal relationships, recognition and support from peers, and a feeling of social contribution, of usefulness resulting from morally acceptable, fair and responsible work. However, the construction of these meanings permeates the worker's personal interrelationship with their role, with peers and the population. On the part of the organization, it was unanimous that working at APS allows for a desirable future, security of a decent salary and does not allow for idleness. However, it was common in all research, except the one that researched a category that occupies a hierarchical position of leadership (managers) compared to the other professional categories researched, that work in PHC does not provide the meanings pointed out by Morin (2002) on the part of the organization: possibility of exercising free will, developing skills, monitoring the evolution of performance, giving new meaning to practices and modifying the particular way of dealing with difficulties. These gaps identified through this research point to the deficiency of worker development processes that guarantee structuring meanings, such as: improving the variety and diversity of skills and competencies, promoting challenges associated with a routine of feedback on the results of activities carried out, enabling the necessary adjustments to achieve the set performance objectives; lack of worker autonomy in coordinating their activities and making decisions about work processes. This study points out that the organization and management of PHC must invest in Permanent Education strategies and promotion of worker autonomy, through the creation of spaces for collective discussion, to jointly construct solutions for the work and care process.

Keywords: Primary Health Care, Unified Health System, Public Health, Work, Health Personnel and Meanings of Work.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.....	26
Quadro 2.....	36

LISTA DE SIGLAS

ACS	Agente Comunitário de Saúde
APS	Atenção Primária em Saúde
BH	Belo Horizonte
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
CEFET-MG	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
ESF	Equipe de Apoio à Saúde da Família
ESP-MG	Escola de Saúde Pública de Minas Gerais
MG	Minas Gerais
NASF	Núcleo de Apoio à Saúde da Família
PBH	Prefeitura Municipal de Belo Horizonte
SUS	Sistema Único de Saúde
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UBS	Unidade Básica de Saúde
UEMG	Universidade Estadual de Minas Gerais
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
1. INTRODUÇÃO	14
2. OBJETIVO	15
3. REFERENCIAL TEÓRICO	16
4. METODOLOGIA	25
5. ANÁLISE DOS SENTIDOS ATRIBUÍDOS AO TRABALHO NA APS.....	28
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS	40

APRESENTAÇÃO

Antes de apresentar esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), quero contextualizar brevemente a minha história de vida, o início do meu vínculo com o Sistema Único de Saúde (SUS), que dá sentido à minha trajetória profissional na APS de Belo Horizonte (BH). Eu nasci no interior de Minas Gerais (MG), na década de 80, sou de uma família bem humilde e acometida por doenças crônicas.

No meu bairro existia um Posto de Saúde, e me recordo que a minha infância inteira eu fui de madrugada com a minha mãe para a fila de espera do posto para conseguir as ‘fichas’ de consultas para toda família. Nessas filas eu ouvia e via muita coisa, e quando estava na espera por atendimentos dentro do posto, também via e ouvia muita coisa. Nesse contexto, cresci com o seguinte questionamento: por que tem que ser tão sofrido, uma criança dormir com sua mãe numa fila, sujeitas a frio, chuva ou até mesmo alguma violência, para conseguir acessar um tratamento de saúde? Ao mesmo tempo ficava me questionando por que faltavam paciência e compaixão em alguns profissionais para com aquelas pessoas que passaram a madrugada inteira numa fila, e sobravam empenho, carinho, amor e empatia em outros trabalhadores?

Mais tarde eu fui entender que cada ser humano interpreta o mundo e a realidade conforme os seus sentidos de vida. No contexto profissional, a sua atuação é embasada pelo sentido atribuído àquele trabalho e a importância que aquela função ocupa em sua vida. Pesquisar e entender os sentidos que os servidores da APS atribuem ao seu trabalho é extremamente relevante, pois, além de serem produtores de saúde, são instrumentos para novos sentidos de vida. No campo da Saúde Pública, a APS demanda ainda mais estudos e pesquisas, pois configura a porta de entrada, o ponto de partida do cuidado do paciente e da construção de novos projetos de saúde e de vida.

Essa história de vida embasou a minha trajetória de formação e profissional. Como as relações humanas sempre me despertaram muita curiosidade e atenção, escolhi fazer Psicologia na Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG). Para conseguir tirar os muitos xerox e comprar os livros que a graduação exigia, eu fui bolsista ao longo de todo curso de diversos projetos de pesquisa e extensão. Ao final do curso, um orientador de um projeto de pesquisa, também professor do Mestrado em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), me deu o feedback de que eu tinha muita vocação para a área acadêmica. Lembro-me que a primeira pergunta que eu fiz a ele sobre as linhas de

pesquisa do Mestrado foi: “Lá eu vou conseguir pesquisar os sentidos que profissionais do SUS atribuem ao trabalho? ”. Ele me respondeu que o objetivo do Mestrado era pesquisar inovações na área da Educação com interface com o Mercado de Trabalho, mas que eu poderia estudar um público da área da Educação que eu me identificava. Nesse sentido, eu elaborei um projeto de pesquisa que visava identificar os sentidos que jovens de baixa renda, concluintes do Ensino Médio, atribuem ao Trabalho em suas vidas.

Fui aprovada no Mestrado e comecei a minha trajetória de pesquisa. Em paralelo, eu prestei o concurso público da área da Saúde da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH) e fui aprovada. Ao final da defesa da minha Dissertação fui convocada para a posse do meu cargo de Técnico Superior de Saúde - Psicólogo. Iniciei o meu trabalho na função de Psicóloga do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), dando apoio a quatorze Equipes de Saúde da Família (ESFs) de três centros de saúde extremamente vulneráveis da regional Nordeste. Posteriormente, iniciei a minha trajetória na gerência de centros de saúde de Belo Horizonte.

Na minha busca pelo aprimoramento pessoal e profissional, resolvi me inscrever no processo seletivo para a Pós-Graduação em Saúde Pública da Escola de Saúde Pública de Minas Gerais (ESP-MG), e estou em busca agora de responder à pergunta de quando iniciei no campo da pesquisa científica: ‘quais os sentidos que os trabalhadores atuantes na APS atribuem ao seu trabalho?’ Vamos comigo investigar? Busco uma trajetória de pesquisa que vem contribuir para o campo científico, mas que também tenha correspondência e pertinência com o meu mundo real, minha prática, preferências, valores, interesses, princípios, minha trajetória profissional e biográfica.

1. INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, o trabalho ocupa posição central na vida das pessoas, não só por ser fonte de sobrevivência, mas também devido à funcionalidade que desempenha na construção dos espaços públicos e coletivos de convivência, sendo considerado fator de inserção social e de contribuição para um bem comum. Para além desses significados, o trabalho também pode ser fonte de realização pessoal, de projetos de vida, de crescimento, aprendizagem, autonomia e identidade. O pertencimento a grupos sociais específicos carrega em si noções de identidade que nos identificam, igualam e, ao mesmo tempo, diferenciam-nos de outros grupos. Assim, o trabalho representa uma experiência humana complexa e não pode ser reduzido a um significado comum ou universal, sendo necessário aprofundar a compreensão do fenômeno considerando o contexto, historicidade e experiências da sociedade, categorias profissionais e indivíduos. Por isso, adotei no problema da minha pesquisa a semântica sentidos que, de acordo com Tolfo e Piccinini (2007), consistem em uma produção pessoal, em função da apreensão individual dos significados coletivos, a partir de sua subjetividade e de suas experiências cotidianas. Em contrapartida, segundo esses autores, os significados são construídos coletivamente em um determinado contexto histórico, econômico e social.

A Atenção Primária à Saúde (APS), no contexto da rede de atenção à saúde pública, visa à promoção e proteção da saúde e prevenção de doenças, e ao tratamento, recuperação e reabilitação no primeiro nível de atenção dos sistemas locais de saúde. Ao representar o primeiro nível de atenção à saúde do indivíduo e da comunidade, a atenção básica direciona o trabalho de todos os demais níveis assistenciais, ocupando papel estruturante e determinante nessa rede de saúde. A APS possui a missão de coordenar um cuidado longitudinal, integral e contínuo, orientar a família e a comunidade, reconhecendo as necessidades das pessoas em função do contexto físico, econômico, cultural e social (Brasil, 2017).

A dinâmica do trabalho na APS favorece a criação de vínculos, troca de afetos e subjetividades. Segundo Merhy (2008), para além do técnico, do tecnológico e do conhecimento científico, há a presença do trabalho vivo, que consiste nas relações entre os sujeitos e suas ações no cotidiano, a subjetividade do trabalhador, do usuário e do coletivo de trabalho, e o ambiente nos quais estão inseridos, que fazem total diferença no processo de produção de saúde e sentidos. Essa análise dos sentidos que os trabalhadores da APS atribuem ao seu trabalho perpassa por: seus valores, motivações, crenças pessoais, identificações, satisfações, subsistência e objetivos de vida; pelo impacto que seu trabalho gera no outro

(usuários, colegas de trabalho, lideranças, família e sociedade) e pelas relações humanas que promove; e pelo contexto que o trabalho está inserido, como missão da instituição, a natureza de suas tarefas, a cultura organizacional e propósito social.

Por outro lado, a complexidade dos ambientes de trabalho da APS e as condições disponíveis para a realização de suas múltiplas funções interferem nos sentidos que seus atores atribuem a esse trabalho. Além disso, a exigência de preparo e capacitação para os profissionais, que nem sempre são suficientes para a complexidade de seu trabalho, associado à falta de condições favoráveis para o desempenho de trabalho humanizado, competente e resolutivo, podem interferir na segurança e qualidade da assistência, expô-los a desgastes e adoecimentos físicos e mentais, implicando nos sentidos atribuídos ao seu trabalho (Antunes, 1999).

Analisar os sentidos atribuídos ao trabalho na APS pode embasar intervenções institucionais, melhorias na organização e nas condições de trabalho, com o objetivo de favorecer uma construção de sentido positiva desse profissional com seu trabalho, através de ações de promoção de bem-estar e saúde mental, contribuindo para a sua satisfação, motivação e comprometimento, e garantia de melhor qualidade da assistência à população. Portanto, o objetivo dessa pesquisa, de identificar e analisar os sentidos que os trabalhadores da APS atribuem ao seu trabalho, se torna tão relevante para o campo de produção de conhecimentos e para o aprimoramento dos processos de trabalho e assistenciais da APS.

Enquanto profissional da APS, o sentido do meu trabalho está em consonância com a minha história de vida como usuária do SUS e aos questionamentos que sempre fiz das diferentes formas de ser e estar no trabalho dos diversos profissionais que atuam nesse nível de atenção. Nesse sentido, o meu trabalho não se reduz a uma fonte de renda e sustento, mas também a uma via de realização pessoal. E para os meus colegas de atuação, quais são os sentidos que eles atribuem a esse trabalho?

2. OBJETIVO

Analisar, a partir da literatura científica, os sentidos que os trabalhadores atuantes na APS atribuem ao seu trabalho.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

A princípio, para entendermos os sentidos que os servidores da APS atribuem ao seu trabalho, precisamos entender a evolução dos sentidos do termo ‘trabalho’ ao longo da história. Segundo Marques, Berutti e Faria (1990), nas primeiras organizações sociais a atividade laboral era concentrada em caça, pesca, pequena agricultura, extrativismo vegetal, metalurgia rudimentar, com exploração dos recursos da natureza e pouca transformação através do trabalho. Os membros dessas primeiras organizações sociais tinham suas necessidades materiais disponíveis em abundância na natureza, e trabalhavam poucas horas por dia, apenas o necessário para a subsistência.

Na antiguidade clássica e com o surgimento das guerras, os prisioneiros passaram a ser escravizados para produção de riquezas para os seus proprietários. Já os trabalhadores livres, em menor proporção, dedicavam-se ao artesanato e ao campesinato. Essas duas categorias de trabalhadores também estavam subordinadas às classes proprietárias. Nessas organizações sociais, o trabalho era considerado algo menor, ruim, inclusive a origem da palavra trabalho é do latim *Tripalium*, um instrumento de três paus utilizado pelos agricultores para bater o trigo e o linho, usado durante muito tempo pelos romanos como instrumento de tortura. Em contrapartida, as classes dominantes valorizavam o tempo livre para pensar e se dedicar às atividades da Polis, por isso o trabalho escravo era essencial. Contudo, até o século XV, os sentidos mais comuns atribuídos ao trabalho eram tortura e sofrimento (Marques, Berutti e Faria, 1990; Antunes, 1999).

Já no período medieval, as relações feudais, com destaque para o trabalho servil empregado na terra, determinavam as relações entre as classes de senhores, cavaleiros, servos e cleros. Os servos não eram escravos, mas também não eram totalmente livres, pois estavam presos à terra e ao Senhor por meio das obrigações e taxas feudais. Na ordem feudal, o clero e os senhores feudais viviam do trabalho alheio. A terra era o principal meio de produção, mas os trabalhadores (os servos) não tinham direito a sua posse. A mentalidade feudal era muito influenciada pela Igreja Católica e esta instituição pregava que a divisão desigual da sociedade fazia parte da ordem criada por Deus, por isso, deveria ser aceita por todos, sob pena de castigos divinos terríveis (Marques, Berutti e Faria, 1990).

Com a crise da ordem feudal, a partir do século XIII, o centro econômico, político, social e cultural começa a se deslocar para as concentrações urbanas, nas cidades. A burguesia comercial ascende como classe social importante economicamente, ao mesmo tempo em que os Estados Nacionais começam a se formar e a se fortalecer, a partir do século XIV. Nesse

contexto, também ocorrem as grandes navegações e a conquista colonial. Isso significou a formação de uma nova ordem econômica: o Mercantilismo! Apesar da centralidade do trabalho para organizar a vida em sociedade, o trabalho em si ainda não era valorizado, e aqueles que trabalhavam eram de status socialmente inferior. Mesmo nos Burgos (as cidades durante a Idade Média), os artesãos livres eram vistos como inferiores e pagavam tributos aos reis e aos senhores. Os privilégios eram da nobreza e do clero. Contudo, a emergência do Mercantilismo e as transformações sociais e políticas iniciaram um longo processo de mudanças na estrutura e no sentido do trabalho na sociedade (Marques, Berutti e Faria, 1990).

Nesse novo cenário emergente, a Igreja Católica se chocou com os interesses comerciais da burguesia ascendente. Isso porque os negócios da burguesia comercial dependiam de uma expansão que muitas vezes contrariava a mentalidade religiosa. Os católicos também se posicionavam contrários à usura (empréstimos de dinheiro a juros), elemento determinante para as práticas comerciais da época. Assim, rompendo com o pensamento econômico e religioso da Igreja Católica, surgiu o luteranismo com o monge Martinho Lutero, promovendo a Reforma Protestante, que produziu um embate de ideias religiosas com natureza e impacto no mundo econômico e na moral da sociedade (Marques, Berutti e Faria, 1990).

O Renascimento foi um Movimento Cultural que marcou as mudanças socioculturais europeias rumo à Modernidade. Esse movimento criou a base conceitual e de valores que permitiu a ascensão do pensamento racional e do método científico, nos séculos XVI e XVII. Nesse contexto intelectual, a lógica sobre o trabalho se relaciona com o humanismo e o racionalismo ou seja, a concepção de que o trabalho é humano porque é racional. A ideia de maestria, a perfeição do artesão – o mestre ao dominar o ofício, liga-se à perfeição racional do homem! Além dessa concepção filosófica, haviam o renascimento comercial, urbano, o surgimento e intensificação das manufaturas, bem como das corporações de ofício (Antunes, 1999).

Nesse cenário, surge a Teoria da Predestinação de João Calvino, que afirmava que o homem estava predestinado à salvação ou condenação eterna. Os predestinados eram os escolhidos de Deus. A partir dessa teoria, o trabalho intenso e a riqueza proveniente dele eram interpretados como sinais da salvação. Como não se sabia quem eram os salvos e os condenados, havia que se buscar e testar constantemente os sinais da salvação. O trabalho passa a sofrer uma alteração de sentido na medida em que deixava ser coisa de “gente inferior” para ser meio de salvação. Veja, a forma com que a sociedade enxergava o trabalho foi mudando: se antes trabalhar era uma atividade menor, malvista, o trabalho vai se

transformando em uma atividade que dignifica o homem. Trabalho vai passando a ter valor social (Antunes, 1999).

Nessa nova perspectiva do trabalho, o artesanato distinguia-se por sua natureza profundamente pessoal e independente: os artesãos, detentores dos meios de produção, operavam em um ambiente onde as instalações, ferramentas e matérias-primas estavam sob seu controle direto. Trabalhando em suas próprias casas, sozinhos ou auxiliados por membros da família, os artesãos eram responsáveis por todas as fases do processo produtivo. Eram os donos soberanos das ferramentas e daquilo que produziam. Essa abordagem integrada à produção garantia uma relação íntima entre o artesão e seu ofício, permitindo um alto grau de especialização e aprimoramento das habilidades técnicas. A natureza personalizada do trabalho artesanal também assegurava que cada item produzido fosse único, refletindo a destreza, criatividade e o estilo individual do seu criador (Marques, Berutti e Faria, 1990).

Com o desenvolvimento e complexificação das formas produtivas surge a perda de controle do artesão sobre o espaço produtivo, com a separação entre moradia e local de trabalho, sobre as ferramentas, que foram se tornando cada vez mais complexas e caras, e sobre a matéria-prima, que passaram a ser controladas por grupos economicamente mais poderosos (Marques, Berutti e Faria, 1990).

Paralelamente, houve a restrição de trabalho para os pequenos agricultores e a transformação das terras de lavoura em campos de pastagem, determinando que o número de trabalhadores necessário na lavoura se tornasse cada vez menor, e comesçassem a migrar para as cidades em busca de trabalho e subsistência. Esse excedente de população nas cidades deu espaço para que os trabalhadores fossem submetidos a trabalho coercitivo. Quem não se apresentava voluntariamente era conduzido às oficinas públicas dirigidas com severa disciplina. Quem, sem permissão do mestre-artífice, ou empresário, abandonasse seu posto de trabalho, era tratado como vagabundo; nenhum desocupado recebia ajuda senão mediante seu ingresso nas oficinas coletivas. Com este procedimento, recrutaram-se os primeiros operários para a fábrica. Um serviço penoso somava-se a esta disciplina de trabalho. Com a divisão do trabalho, os trabalhadores aprendiam somente uma parte do processo de produção e se especializavam em determinadas tarefas, para economia de tempo e maior eficiência ao processo produtivo (Marques, Berutti e Faria, 1990).

O que marca a mudança do sentido do trabalho, com a emergência da Revolução Industrial e o Capitalismo, é que a autonomia sobre o processo de produção deu lugar para uma relação de trabalho entre proprietários do processo produtivo e trabalhadores, que passaram a vender a sua mão de obra, não mais uma produção, ou seja, o trabalho passou a

ser a mercadoria. O trabalhador assalariado das fábricas passa a ser livre, mas, na prática, foi forçado a condições de trabalho precárias para não morrer de fome, ou seja, trabalho livre desprotegido. Paralelamente ao processo de racionalização, padronização e produção em série, o desenvolvimento da locomotiva a vapor, as estações de trem, as chegadas e partidas de pessoas de diversos lugares, alteraram profundamente o modo de ser, sentir e viver das pessoas (Antunes, 1999).

As mudanças sociais, históricas, econômicas, tecnológicas, políticas e culturais influenciam a maneira pela qual o indivíduo vê, sente e atribui sentido ao seu trabalho. Destaco alguns pensadores sociológicos que analisaram a influência do trabalho nas sociedades e vice-versa. A sociologia explora como as ocupações e as experiências laborais moldam a autopercepção e a forma como os outros percebem os indivíduos na sociedade. O valor moral e o sentido que a sociedade atribui ao trabalho diferenciaram-se ao longo do tempo histórico.

Bridi, Braga e Santana (2018) trazem as reflexões do sistema filosófico de Hegel, que desenvolveu uma visão abrangente do trabalho, enxergando-o como um componente essencial para a análise do homem em relação à natureza e à formação da consciência. Em sua abordagem, o trabalho não é apenas considerado a fonte de riqueza e civilização, mas também é percebido como um processo de exteriorização dialética do sujeito. O filósofo sustentava a tese de que o trabalho atua como um elemento mediador na relação entre o homem e a natureza, oferecendo suporte para a formação da consciência. Em outras palavras, é por meio do trabalho que o homem decodifica a natureza, utilizando-a de maneira instrumental e libertando-se da tirania imposta por esta.

Segundo o sistema de necessidades de Hegel, o trabalho é pensado como elemento de mediação entre as necessidades subjetivas e as necessidades do outro. Os produtos do trabalho desempenham o papel de mediadores entre esses dois polos, uma vez que as necessidades do outro assumem um status de necessidade pessoal, ou seja, o trabalho possibilita a exteriorização do sujeito e a interiorização do social. A satisfação de uma necessidade subjetiva torna-se possível na medida em que o trabalho adquire uma dimensão social, isto é, geral. O trabalho é desvinculado de critérios tradicionais de referência doméstica e de satisfação pessoal do indivíduo, passando a ser orientado por uma lógica calculista e pragmática. Assim, o trabalho não é apenas um componente econômico, mas uma força que molda as relações sociais, a estrutura da sociedade e a própria identidade do indivíduo (Bridi, Braga e Santana, 2018).

Émile Durkheim, pioneiro da sociologia francesa, ofereceu uma significativa

contribuição para a sociologia do trabalho, enfocando a atividade laboral como essencial para compreender a estrutura social. Ele enfatizou a importância da divisão social do trabalho na formação da sociedade industrial moderna. Assim, para o pensador francês, o trabalho não era apenas como uma prática individual, mas uma atividade social abrangente, abarcando a produção e a troca de bens e serviços, era o processo de interação do indivíduo na sociedade. Ele também defendeu que a atividade laboral é uma fonte de realização pessoal e contribuição para a sociedade, conferindo significado à vida e moldando a identidade individual e social. Assim, Durkheim ressaltou o trabalho como elemento fundamental na coesão social (Bridi, Braga e Santana, 2018).

Para outro pensador, Lukács, é por meio do trabalho que os seres humanos se relacionam ativamente com o mundo e constroem sua própria humanidade. Na medida em que a sociedade ocidental, transformada pela Revolução Industrial e pelo Capitalismo, se desenvolveu e fez do trabalho sua principal mercadoria e o mecanismo de geração de valor e de alavanca para o processo de acumulação capitalista, o trabalho se impôs como categoria central e fundamental para o entendimento dessa sociedade. Para ele, o tipo de trabalho que uma pessoa realiza muitas vezes contribui para a construção de sua identidade (Bridi, Braga e Santana, 2018).

Karl Marx trabalha o conceito de alienação, que se refere à perda de controle e significado no trabalho durante a Revolução Industrial e o Capitalismo, e exploração da mais valia, ou seja, não remuneração do trabalhador pelo real retorno de sua produção, para aumento dos lucros e enriquecimento do proprietário do processo produtivo (Bridi, Braga e Santana, 2018). Nesse contexto, segundo Codo (1996), era preciso que os braços do trabalhador funcionassem quase que desligados do cérebro, da subjetividade

Para Max Weber (1968), para cada tipo de trabalho temos uma concepção sobre ele, ou seja, uma ética que dá sentido ao trabalho em determinadas formas de organização social. Na sociedade Ocidental atual, atribuímos um valor positivo e progressista ao trabalho. As crianças respondem as perguntas dos adultos: ‘e aí, o que você vai ser quando crescer?’ Até que você chega na adolescência, ensino médio e vem nova pergunta: ‘e aí vai prestar o quê?’ Então, espera-se que alguns tenham superado aqueles sonhos de criança, esperam algo que seja economicamente sustentável, socialmente reconhecido, empregável, aceito no mercado, dentre vários motivos.

O final do século XX foi marcado pela inovação tecnológica (terceira Revolução Industrial), envolvendo a disseminação da robótica, informática, microeletrônica, química fina e biotecnologia, pela crescente globalização da Economia, com disputas por mercados e

tecnologia em nível mundial, reforçando a demanda por bens e serviços de qualidade, como assistência à saúde e à educação (trabalho imaterial do setor de serviços). A tecnologia passa a ser uma matéria prima de suma importância e de elevado impacto na escala de produção, na organização do processo produtivo, na centralização do capital, na organização do processo de trabalho e na qualificação do trabalhador. No processo produtivo a relação se inverte e a força física fica a cargo da tecnologia, e o trabalhador passa a ser demandado a participar e ser capaz de controlar o seu processo de trabalho, sendo valorizado por seu comprometimento, envolvimento, formação de equipe e cooperação (Bridi, Braga e Santana, 2018).

Essas novas perspectivas em torno do trabalho fez com que, na sociedade em que vivemos, ele passasse a ser aceito e desejado. As pessoas passaram a ser educadas e preparadas para ocuparem um lugar no mundo do trabalho. Em contrapartida, o desemprego passou a ser considerado um problema social e, incessantemente, buscam-se soluções para combatê-lo. Numa perspectiva global, o trabalho passou a ocupar um sentido central na sociedade capitalista contemporânea, e no contexto específico da APS?

Assim como os sentidos atribuídos ao trabalho sofrem uma transformação sócio-histórica, os sentidos do trabalho na saúde também sofrem essa influência e transformações. Inicialmente, o trabalho na saúde foi orientado pela hegemonia da Biomedicina, que valoriza a oferta de um cuidado centrado na cura e prevenção da doença. A prestação desse cuidado deveria ser realizada através de um conjunto de procedimentos técnicos, verticalizados e protocolares, através da mercantilização da saúde e medicalização da vida, visando normalizar o humano, regulá-lo e adequá-lo à ordem social vigente e aos interesses do capital (Freire, 2016).

Nos primeiros cuidados da saúde, ou melhor, da doença, o conhecimento técnico foi valorizado como mais produtivo e eficiente para o controle das enfermidades, sendo necessário desprezar o elemento subjetivo do adoecimento, assim como ocorreu nos primeiros processos produtivos da Revolução Industrial, em que o trabalhador deveria ser restringido a uma posição de instrumento, e seu corpo tratado como um hospedeiro de doenças, com risco de disseminação e impacto social, que deveria ser controlado. Segundo Freire (2016) o homem é um ser inconcluso, inacabado e incompleto, e a consciência de sua condição o leva ao movimento permanente de busca do ser mais, criando e recriando sua própria natureza e história por duas formas: pela desumanização, alienação, dominação, violência e manutenção do *status quo*, ou pela humanização, transformação social, a libertação das opressões, por um fazer pedagógico problematizador e revolucionário.

Graças a esse movimento natural de resistência, tensionamento e transformação do homem e da sociedade, o olhar sobre a saúde teve uma evolução. Na Carta Magna de 07 de abril de 1947 da Organização Mundial de Saúde, o conceito de saúde passou a ser um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não meramente a ausência de doença ou enfermidade. O conceito de saúde se amplia ainda mais como um fenômeno complexo, no sentido biopsicossocial para superar a dicotomia mente-corpo, do homem como um ser divisível e que pode ser explicado pelos seus componentes físico, psicológico ou social separadamente (Scliar, 2007).

Em sintonia com esse novo conceito de saúde, a ESF constitui-se como resposta a uma necessidade de reorganização do modelo de atenção à saúde, em substituição ao modelo hegemônico vigente. Esse modelo propõe novas práticas que pressupõem o estabelecimento de vínculo, abordagem humanizada voltada para o território e o social, participação popular nas definições das ações de saúde, num movimento de corresponsabilização entre usuários, trabalhadores da saúde e gestores, deslocando o foco do indivíduo para a família e a comunidade, priorizando a promoção e a prevenção à saúde. Apesar disso, a atenção básica conta com um elenco de profissionais formado, em sua maioria, no modelo tradicional de saúde, no contexto de uma ciência clássica, reducionista e de especialização, tendo por base os fundamentos da ciência clássica. Além disso, esses profissionais possuem trajetórias construídas em outros níveis de atenção à saúde, provenientes de serviços ambulatoriais, hospitais e centros de reabilitação. Para além da diversidade de formações e experiências profissionais, temos também os desafios relacionais, que se tornam mais intensos pelo formato de atuação da APS, que busca uma atuação em equipe, compartilhada e integrada (Brasil, 2017).

Para compreensão da pesquisa sobre os sentidos que os trabalhadores da APS atribuem ao seu trabalho torna-se relevante pontuar algumas das principais teorias/abordagens sobre os sentidos do trabalho. De acordo com Tolfo e Piccinini (2007), o marco precursor para os estudos sobre sentidos do trabalho ocorreu a partir de 1950, com a criação da Escola Sociotécnica, por meio dos estudos de Eric Trist do Instituto Tavistock de Londres e outros colegas, como Hackman e Oldhan (1975), sobre a insatisfação de trabalhadores do setor de mineração do Reino Unido. Suas pesquisas demonstraram que a insatisfação dos trabalhadores da mineração estava mais associada à organização do trabalho, características do emprego, aspectos subjetivos na relação do trabalhador com as atividades que desempenha, interações, diferenças individuais e os sentidos atribuídos ao trabalho, do que ao salário. Esses pesquisadores identificaram que esses fatores exercem maior influência na

satisfação, motivação, na produtividade e na qualidade de vida dos trabalhadores, e afirmaram que o trabalho com sentido é considerado útil, importante e legítimo para quem o executa.

Com base nas pesquisas realizadas pela Escola Sociotécnica, o trabalho que estimula o comprometimento do trabalhador deve apresentar os seguintes sentidos:

- 1) Variedade das tarefas ou a diversidade de habilidades e competências para executá-las, e desafio;
- 2) Aprendizagem contínua e crescimento pessoal, a partir de retorno ou feedback sobre o resultado das atividades executadas, de modo que seja possível realizar os ajustes necessários para alcançar os objetivos de seu desempenho;
- 3) Capacidade de decisão, autonomia e liberdade para a realização das tarefas, a identificação com todo o processo de trabalho, de modo que o trabalhador perceba sua importância;
- 4) O reconhecimento e o apoio dos pares e da organização;
- 5) Possibilidade de contribuir socialmente;
- 6) Permite um futuro desejável.

Morin (2004) defende que o significado do trabalho se refere às representações e valores atribuídos pelas percepções do sujeito. Se o indivíduo considera o seu trabalho significativo, ele constrói sua identidade, seu valor e dignidade, contribui para a melhoria de suas condições de vida e de sua comunidade.

Morin, Tonelli e Pliopas (2007) afirmam que os sentidos do trabalho devem ser analisados por três dimensões: a individual, relacionada com o sentido que o trabalho assume para o próprio sujeito, como satisfação pessoal, autonomia, sobrevivência (remuneração salarial), aprendizagem, crescimento e construção da sua identidade; a organizacional, que é a relação do sujeito com a organização, considerando a utilidade, em que o produto do trabalho precisa ter um propósito, o relacionamento interpessoal e o reconhecimento por alguém da organização sobre a utilidade do trabalho desenvolvido; e a social, que está ligada à relação do sujeito com a sociedade, a sua inserção e contribuição social através do seu trabalho.

Nesse contexto, Morin (2002) explicita cinco características que concedem sentido ao trabalho:

- 1) A utilidade do resultado do trabalho;
- 2) Gera prazer;
- 3) É moralmente aceitável, justo e responsável;
- 4) Permite a construção de relações interpessoais satisfatórias;
- 5) Garante a segurança por meio de um salário digno e que não permita o ócio.

Morin (2002) defende ser importante estabelecer o equilíbrio entre as exigências do trabalho e as competências da pessoa, possibilitando ao trabalhador avaliar suas habilidades, com o objetivo de estimular suas necessidades de crescimento pessoal e seu senso de responsabilidade. Para esse autor, para que um trabalho tenha sentido, alguns recursos devem ser proporcionados pela organização: condições de trabalho adequadas para ser feito de maneira eficiente e levar a um resultado útil, salários compatíveis com as funções desempenhadas, oportunidade de autonomia, uso do próprio talento e potencial na administração das atividades, mecanismos de feedback sobre o desempenho, ser moralmente aceitável, e possibilitar segurança financeira. Para esse autor, o trabalho tem sentido positivo quando permite relações satisfatórias, desenvolvimento de vínculos e cooperação nas equipes de trabalho, o que por sua vez possibilita satisfação, motivação e comprometimento com as atividades realizadas. Para Morin (2002), o trabalho com sentido é aquele que mantém o trabalhador ocupado, através de atividade planejada, que estrutura o tempo, com começo e fim, com horários e rotina, nos dias, nas semanas, nos meses, nos anos, permitindo organizar a vida diária e a vida pessoal.

Outro referencial teórico relevante é o de Antunes (2011), que defende que uma vida cheia de sentido fora do trabalho depende de uma vida dotada de sentido dentro do trabalho. Para esse autor, se o trabalho for realizado com garantia de autonomia, autodeterminação e liberdade, pode representar o primeiro momento de realização do sujeito. Outra contribuição importante é a de Dejours (2011), que defende que o trabalho precisa fazer sentido para o próprio sujeito, para seus pares e para a sociedade, promovendo prazer, fundamental para manutenção da saúde, e transformando sofrimento em criações reconhecidas no espaço público, seja ele na própria organização ou na sociedade.

O trabalho sem sentido vira um problema para o trabalhador, que vira um problema para a empresa, gerando improdutividade, ineficiência, absenteísmo e adoecimento. À medida que o trabalhador encontra sentido no que realiza, se identifica e gosta do que faz, se sente participante do processo de trabalho e não apenas executores de tarefas delegadas, facilita o processo de resiliência do trabalhador junto à equipe, para enfrentar os desafios que podem impactar negativamente nessa relação estabelecida com o trabalho na APS (Costa, 2019). A partir dessas perspectivas, cabe analisar nas pesquisas selecionadas na revisão de literatura, se o trabalho na APS promove esses sentidos que o referencial teórico traz como determinantes para a construção de uma relação positiva do profissional com o seu trabalho.

4. METODOLOGIA

Essa pesquisa utilizou o método de revisão integrativa da literatura, por permitir a combinação de dados da literatura teórica e empírica, estudos não experimentais e experimentais, e permitir uma síntese do conhecimento e compreensão de diferentes conceitos encontrados (Souza, Silva e Carvalho, 2010).

A pesquisa foi realizada na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), que reúne revistas e periódicos científicos, tais como: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde, Medical Literature Analysis and Retrieval System online, Biblioteca Brasileira de Odontologia e Base de Dados de Enfermagem.

Os descritores utilizados na pesquisa na BVS foram os selecionados a partir do vocabulário estruturado dos Descritores em Ciências da Saúde: ‘Atenção Primária à Saúde, Sistema Único de Saúde, Saúde Pública, Trabalho e Pessoal da Saúde’, e pela pesquisa livre da frase ‘Sentidos do Trabalho’.

Os seguintes critérios de inclusão foram considerados: pesquisa pelo ‘título, resumo e assunto’ de publicações, disponibilizadas na íntegra e em idioma português, classificadas como monografias, dissertações, teses, artigos originais e revisões bibliográficas, que abordem o conceito dos sentidos atribuídos ao trabalho por profissionais da APS, publicados até a data de 20 de março de 2024, na região Brasil.

Os critérios de exclusão da pesquisa foram os trabalhos duplicados, os editoriais, cartas do editor, artigos de opinião, documentos e resumos de seminários, congressos, e cursos, estudos reflexivos e que não abordem a temática relevante ao objetivo da revisão.

Foram encontrados 209 trabalhos publicados, que foram lidos pelo título e resumo, e, a partir da aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados nove estudos que foram lidos na íntegra: duas Dissertações de Mestrado e duas Teses de Doutorado, com quatro artigos fruto dessas pesquisas, e um artigo. Na etapa de análise desses estudos selecionados, foram realizadas a organização das informações e a sistematização das ideias iniciais, destacando elementos principais com a finalidade de identificar possíveis categorias de análise.

Quadro 1- Publicações selecionadas na Revisão Integrativa nas bases da literatura científica.

Título da Publicação	Autor	Ano	Fonte	Tipo da publicação	Método	Categorias profissionais pesquisadas
COTIDIANO DE TRABALHO DE PROFISSIONAIS DA ATENÇÃO BÁSICA À SAÚDE: uma “arena” de sentidos, emoções, saberes e fazeres	Selma Aparecida Caselli Martins	2011	Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina	Dissertação de Mestrado	Pesquisa qualitativa com realização de entrevistas semi-estruturadas	Médico de família, enfermeiro, dentista, técnico/auxiliar de enfermagem, atendente de consultório odontológico, ACS, técnico administrativo, médica pediatra e psicóloga
TRABALHO EM INTEGRAÇÃO COM A VIDA: trajetória de trabalhadores da atenção básica à saúde e construção de sua identidade profissional	Selma Aparecida Caselli; Edite Krawulsi	2011	Revista Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, v. 15, n. 1, p. 115-134	Artigo	Pesquisa qualitativa com realização de entrevistas semi-estruturadas	Médico de família, enfermeiro, dentista, técnico/auxiliar de enfermagem, atendente de consultório odontológico, ACS, técnico administrativo, médica pediatra e psicóloga
SENTIDOS DO TRABALHO E RESILIÊNCIA: vivências de profissionais da Estratégia Saúde da Família	Iluska Pinto da Costa	2019	Programa de Pós-Graduação em Enfermagem	Tese de Doutorado	Pesquisa qualitativa com realização de entrevistas semi-estruturadas, observação e técnica do Gibi, análise de conteúdo temática, com auxílio do <i>software</i> Atlas ti, versão 7	Médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem e ACSs da ESF
SENTIDOS DO TRABALHO E RESILIÊNCIA: articulação com os mecanismos de risco e proteção para resiliência	Iluska Pinto da Costa; Danielle de Araújo Moreira; Maria José Menezes Brito	2020	Revista Texto e Contexto Enfermagem, v. 29	Artigo	Pesquisa qualitativa com realização de entrevistas semi-estruturadas, observação e técnica do Gibi, análise de conteúdo temática, com auxílio do <i>software</i> Atlas ti, versão 7	Médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem e ACSs da ESF

SENTIDOS DO TRABALHO PARA GERENTES DE UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE EM CONTEXTOS DE VULNERABILIDADES	Karina Martins de Oliveira Carvalho Lima	2019	Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais	Dissertação de Mestrado	Pesquisa qualitativa com realização de entrevistas semi-estruturadas, observação, interpretação e Análise de Conteúdo	Gerentes de Unidades Básicas de Saúde
O TRABALHO DO ENFERMEIRO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE RURAL NO BRASIL	Arlesson Ricarte de Oliveira	2019	Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais	Tese de Doutorado	Estudo de caso com abordagem qualitativa, entrevistas semi-estruturadas e análise documental	Enfermeiros
Os sentidos do trabalho para enfermeiros da Atenção Primária à Saúde em áreas rurais	Arlesson Ricarte de Oliveira; João Henrique Barbosa Neto; Debora Rafaella Queiroga Pontes; Claudia Martiniano; Marília Alves	2022	Revista APS	Artigo	Estudo de caso com abordagem qualitativa, entrevistas semi-estruturadas e análise documental	Enfermeiros
A ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE NO CONTEXTO RURAL: visão de enfermeiros	OLIVEIRA, A. R.; SOUSA, Y. G.; SILVA, D. M.; ALVES, J. P.; DINIZ, I. V. A.; MEDEIROS, S. M.; MARTINIANO, C. S.; ALVES, M	2020	Revista Gaúcha de Enfermagem	Artigo	Estudo de caso com abordagem qualitativa, entrevistas semi-estruturadas e análise documental	Enfermeiros
CLÍNICA PSICODINÂMICA DO TRABALHO: sentidos do trabalho para Agentes Comunitários de Saúde	Andréia Garcia dos Santos; Elisete Soares Traesel	2018	Revista Trabalho (En)Cena	Artigo	Pesquisa-ação, Psicodinâmica do Trabalho, e Análise de Conteúdo	Agentes Comunitários de Saúde

Fonte: Elaborado pela autora

5. ANÁLISE DOS SENTIDOS ATRIBUÍDOS AO TRABALHO NA APS

Em meio ao processo de evolução dos sentidos do trabalho, especificamente na Saúde e na APS, é necessário o investimento em pesquisas e análises. Em consonância à relevância desse objetivo, analisaremos os estudos selecionados na Revisão Integrativa. Dentre os trabalhos selecionados foram o de Martins (2011) e Martins e Krawulsi (2011), uma dissertação de Mestrado e um artigo fruto de uma pesquisa qualitativa e entrevistas com profissionais da APS. Na pesquisa de Martins (2011), participaram dez profissionais, de dez diferentes Centros de Saúde, com localizações desde as mais centrais às mais periféricas, dos cinco Distritos Sanitários de Saúde do município de Florianópolis. Os entrevistados foram selecionados de modo a garantir pelo menos um representante de cada categoria profissional e que trabalhassem diariamente na mesma unidade de saúde, fazendo parte do seu cotidiano e processo de trabalho: um médico de família, uma enfermeira, uma dentista, uma técnica de enfermagem, um auxiliar de enfermagem, uma atendente de consultório odontológico, uma agente comunitária de saúde, um técnico administrativo, uma médica pediatra e uma psicóloga.

Uma das questões levantadas por Martins (2011, p. 30) sobre o profissional que atua na APS é: “Qual o sentido de seu trabalho, considerando encontrar-se este circunscrito a prerrogativas que o definem dentro de um contexto social, histórico e político mais amplo?” Martins (2011) traz a ponderação de que a mudança da concepção do cuidado em saúde pode exercer influência sobre os sentidos atribuídos ao trabalho. A autora traz a reflexão de que o modelo de saúde brasileiro anterior à implantação do SUS, tido como hegemônico, possui uma visão de saúde como ausência de doença, centrada no indivíduo, nas intervenções do médico, em ações curativas e assistencialistas, desconsiderando a realidade social na qual o sujeito está inserido. Segundo essa autora, o modelo de organização do trabalho em saúde, que foi originado a partir da estruturação do modo capitalista de produção, gerou um trabalho fragmentado à medida que atividades iam sendo delegadas dos médicos a outros grupos de trabalhadores, e foram constituídos campos de conhecimentos especializados para outras profissões.

Martins (2011) também traz uma análise de que a inserção e permanência no mercado de trabalho estão cada vez mais difíceis, e que o setor público se apresenta como alternativa de ingresso e permanência no mercado de trabalho para profissionais de diferentes graduações, tendo em vista as perspectivas salariais, de segurança, estabilidade e condições de trabalho favoráveis. Entretanto, a autora identificou em sua pesquisa, que o trabalho na APS

proporciona muito além de sobrevivência e estabilidade financeira, ele promove uma formação de identidade pessoal, nessa inter-relação do sujeito com o contexto social, uma identidade coletiva/grupal, um modo de ser no trabalho que qualifica os pares como semelhantes, apesar de suas diferenças.

O ponto comum que Martins (2011) identificou no grupo de trabalhadores da saúde pesquisado, mesmo com vivências e trajetórias particulares, é que o trabalho assume uma centralidade em suas vidas, ou seja, é muito mais que um sentido do trabalho, é um sentido de vida (Antunes, 2011). Enfim, o trabalho deve significar não somente um acesso a bens materiais e meio de sobrevivência, mas deve possibilitar a realização dos planos e projetos de vida do trabalhador. Os seguintes sentidos foram encontrados pela autora:

- 1- Formação pessoal;
- 2- Condicionamento pessoal;
- 3- Realização pessoal;
- 4- Criação familiar;
- 5- Sobrevivência/fonte de renda;
- 6- Profissão/emprego;
- 7- Estabilidade financeira;
- 8- Reconhecimento;
- 9- O acreditar no serviço público;
- 10- Possibilidade de devolução do investimento na formação à sociedade.

Outras pesquisas selecionadas na revisão de literatura foi a tese de Doutorado de Costa (2019) e seu artigo Costa, Araújo e Brito (2020), frutos de um estudo de caso único integrado, de natureza qualitativa, sobre a relação entre os sentidos atribuídos ao trabalho e os processos de resiliência de profissionais que compõem a equipe básica de saúde (critério de escolha da pesquisadora) das 23 unidades da ESF do município de Cajazeiras, no alto sertão da Paraíba. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas orientadas por roteiro semiestruturado, observação e técnica do Gibi, análise de conteúdo temática, com auxílio do *software* Atlas ti, versão 7, entre fevereiro e agosto de 2017. Segundo Costa (2019), a técnica do Gibi consiste em uma estratégia lúdica que, possibilita os sujeitos se expressarem de maneira mais espontânea, atingindo seus sentimentos e emoções, sobre uma situação problemática real que vivenciam no cotidiano, por meio de analogias entre figuras de revistas em quadrinhos do tipo gibi, permitindo melhor aproximação e reflexões a respeito do objeto estudado. Participaram do estudo 62 profissionais das seguintes categorias: médicos,

enfermeiros, técnicos em enfermagem e agentes comunitários de saúde (ACSs). Nessa pesquisa foram identificados os seguintes sentidos atribuídos ao trabalho:

- 1- Aprendizado;
- 2- Maturidade;
- 3- Fonte de sobrevivência;
- 4- Inserção do profissional no ambiente de trabalho;
- 5- Relações interpessoais entre equipe e usuários;
- 6- Acolhimento e formação de vínculos;
- 7- Utilidade;
- 8- Reconhecimento;
- 9- Comprometimento com o trabalho;
- 10- Possibilidade de ajudar pessoas;
- 11- Potencial de mudar realidades.

Segundo Costa (2019), semelhantemente às reflexões de Martins (2011), a atribuição de sentidos ao trabalho consiste em um processo dinâmico, influenciado pelas vivências e experiências práticas dos trabalhadores e suas relações interpessoais de afetividade e vínculo formados no ambiente laboral. Os participantes relataram vivências de identificação com a organização e com o trabalho desenvolvido, aspectos que podem repercutir na identidade profissional e no cuidado prestado à comunidade.

Lima (2019), autora doutro estudo selecionado na revisão de literatura, buscou compreender os sentidos do trabalho para dezenove gerentes das Unidades Básicas de Saúde da Regional Norte do Município de Belo Horizonte, com alto índice de vulnerabilidade. Trata-se de estudo qualitativo, interpretativo e analítico, que utilizou os seguintes instrumentos de coleta de dados: a entrevista individual com roteiro semiestruturado e a observação, com as impressões da pesquisadora registradas em um diário de campo. Para análise dos dados, utilizou-se a metodologia de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016). A coleta aconteceu entre os meses de setembro de 2018 a março de 2019 e, concomitantemente a permanência do entrevistador na unidade básica para a realização da entrevista, ocorreu a observação. Os resultados foram categorizados em dois temas: sentidos do trabalho do gerente na atenção primária e, a interface da vulnerabilidade no contexto do trabalho do gerente. Os sentidos do trabalho foram analisados a partir das dimensões individual, organizacional e social propostas por Morin, Tonelli e Pliopas (2007).

Pela dimensão individual, organizacional e social, Lima (2019) encontrou os seguintes sentidos do trabalho:

- 1- Identidade profissional;
- 2- Crescimento, prazer e realização profissional;
- 3- Aprendizagem no trabalho;
- 4- Satisfação pessoal, à medida que o gerente se sente capaz e preparado para ocupar o cargo;
- 5- Fonte de renda, de independência financeira e sobrevivência;
- 6- Autonomia no desempenho de suas tarefas profissionais e cumprimento flexível de sua carga horária, que gera qualidade de vida;
- 7- Equipe colaborativa;
- 8- Desenvolvimento de práticas sociais para atender às necessidades da população;

Segundo Lima (2019), para que os profissionais e gerentes da APS sejam capazes de se mobilizarem e mudarem seu processo de trabalho, considerando as necessidades dos usuários, principalmente em situação de vulnerabilidade, o trabalho precisa ser entendido e vivenciado como importante, ou seja, precisa ter sentido. Segundo a pesquisadora, baseando-se em Morin (2002), para que esse sentido seja construído, é importante que a organização das tarefas seja eficiente, que os objetivos esperados e os resultados almejados estejam claros e sejam significativos para os profissionais que o realizam. Para Morin e Gagné (2009), o sentido que o profissional atribui ao seu trabalho está diretamente ligado ao seu comprometimento com a organização e manutenção de sua saúde mental.

A tese de Doutorado de Oliveira (2019) e os dois artigos de Oliveira, Neto, Pontes, Martiniano e Alves (2022) e de Oliveira, Sousa, Silva, Alves, Diniz, Medeiros, Martiniano e Alves (2020), estudos selecionados na revisão de literatura, analisaram os sentidos do trabalho, políticas de saúde rurais e condições de trabalho de 11 enfermeiros da APS de áreas rurais do município de Campina Grande, Paraíba. A escolha de pesquisar enfermeiros, segundo Oliveira (2019), se deu em função da relevância desses profissionais na APS e envolvimento com o trabalho em equipe, que na ESF desenvolvem atividades de natureza educativa, assistencial e administrativa, incluindo atividades de coordenação de equipe de enfermagem e de ACS. Foi realizado um estudo de caso com abordagem qualitativa, a coleta de dados ocorreu no período de janeiro a março de 2017, por meio de entrevista, mediante uso de roteiro semiestruturado, e por meio de análise documental, que foram submetidos à Análise de Conteúdo. O autor analisou os sentidos do trabalho para os enfermeiros com base nas dimensões definidas por Morin, Tonelli e Pliopas, (2007), que são: individual, organizacional e social. Essa pesquisa apontou que os enfermeiros identificam que o seu trabalho produz sentido positivo ao promoverem:

- 1- Satisfação, prazer, realização e crescimento pessoal;

- 2- Preenche o tempo de vida de uma pessoa, evitando o ócio;
- 3- Meio de sobrevivência, de ter um emprego;
- 4- Aprendizado;
- 5- Identificação com o trabalho;
- 6- Se sentem úteis e importantes no que fazem;
- 7- Reconhecimento e vínculo com a equipe;
- 8- Reconhecimento e vínculo com a população, inserção e contribuição social através um trabalho ético e moralmente aceitável.

O artigo selecionado na revisão de literatura de Santos e Traesel (2018) objetiva compreender os sentidos do trabalho para ACSs que atuam em uma UBS situada no interior do Rio Grande do Sul, bem como as repercussões/impactos do seu cotidiano laboral sobre sua saúde. O estudo foi realizado a partir de uma pesquisa-ação com base teórica e metodológica na Psicodinâmica do Trabalho e a apreciação dos dados foi realizada a partir da análise de conteúdo, que originou a seguinte categoria: Os sentidos do trabalho: A dialética do prazer e sofrimento. O estudo apontou que os sentidos atribuídos ao trabalho pelos ACS participantes da pesquisa advêm dos sentimentos de utilidade e valorização por parte dos usuários do serviço. Por outro lado, tem sido negado pela organização do trabalho o exercício da capacidade criadora e identitária aos ACSs, acarretando sofrimento patogênico. O estudo concluiu que é urgente a abertura de espaços potenciais de convivência, onde a cooperação e a mobilização subjetiva encontrem ressonância entre a equipe de saúde e sejam deflagrados caminhos de enfrentamento e transformação do sofrimento.

Dejours (2011), em consonância aos achados de Martins (2011), destaca que o trabalhador, para desenvolver as atividades, utiliza não apenas recursos físicos, mas também inteligência, afetividade, história de vida e interações com as pessoas, proporcionando, além do sustento material, aprendizado, integração social, sentidos e significados. Segundo Campos, David e Souza (2014) e Paiva, Bendassoli e Torres (2014), as vivências de trabalho, que levam os trabalhadores a atribuírem sentidos ao próprio fazer, contemplam aspirações, valores, desejos e idealizações do indivíduo, sofrendo influência das relações e processos afetivos no ambiente laboral, assim como da organização do trabalho e da forma como o indivíduo se relaciona com os diferentes contextos nos quais interage. Chiavenato (2010) afirma que o relacionamento interpessoal facilita o trabalho em equipe e colaborativo, a confiança entre as pessoas torna o trabalho mais prazeroso, logo mais produtivo e resolutivo.

Martins (2011) faz a análise de que o trabalho na área da saúde possui particularidades em sua organização, em decorrência da subjetividade e singularidade dos sujeitos envolvidos,

e suas dimensões relacionais, assim como dos usuários e suas famílias que buscam os serviços, e suas relações com os profissionais que os assistem. As experiências que os profissionais vivenciam e trazem consigo são determinantes de sua visão acerca do trabalho na saúde, bem como das relações estabelecidas nele e para com ele, contribuindo para a configuração dos seus sentidos. Para a autora é preciso também considerar o contexto socioeconômico, cultural e histórico que estes atores sociais se encontram inseridos, pois estes delimitam e definem os processos e as relações de trabalho, e esses fatores podem se constituir de forma invisível para os profissionais, para quem utiliza os serviços, e para quem os planeja e gerencia.

Além dessa relação intersubjetiva entre trabalhador e usuário do serviço, Martins (2011) também identificou uma relação entre os trabalhadores que confirma a constatação de Codo (1996), de demanda por participar e ser capaz de controlar o seu processo de trabalho, através de uma ação permeada por liberdade, autonomia e criatividade.

No cenário de valorização da subjetividade do trabalhador, Merhy e Franco (2008) traz o conceito de micropolítica do trabalho vivo em ato no espaço onde se produz a saúde, apontando para as diferentes formas que o trabalho pode assumir, a depender da pessoa que o realiza. É a ideia de liberdade e autonomia de ação aliada à criatividade particular de cada um.

Para a autora Martins (2011), no setor da saúde o trabalho possui um sentido geral de estreita ligação com a vida dos profissionais que o desenvolvem, é dotado de alta carga de afetividade e intensidade emocional e necessidade de reconhecimento. Essa busca por reconhecimento foi referida, nas entrevistas realizadas na pesquisa, como necessidade de participação no modo de organização do processo de trabalho. Para essa autora há também um desejo de reconhecimento pelo sacrifício do trabalhador para atender necessidades humanas e salvar a vida do outro, atribuindo-lhe um heroísmo que, quando não devidamente reconhecido, gera uma sensação de desajuste, desencanto, desmotivação e desvalorização. Esse servidor público é demandado a ter valores, ações morais e éticas pautadas pela soberania do coletivo e do bem comum sobre os interesses individuais, independentemente de suas posições pessoais. Essa responsabilidade social traz ao trabalhador maior expectativa por reconhecimento da população e da gestão que, se não correspondida, pode gerar frustração.

O reconhecimento confere, portanto, em troca do meu sofrimento, um pertencimento que exorciza a solidão. Em resumo, o reconhecimento permite àquele que trabalha transformar o seu sofrimento em desenvolvimento de sua identidade [...] a identidade é o alicerce da saúde mental (DEJOURS, 2009, p. 53).

Santos e Traesel (2018) buscou compreender, em sua pesquisa selecionada na Revisão

Integrativa, os sentidos do trabalho para oito Agentes Comunitários de Saúde (ACSs) de uma Unidade Básica de Saúde (UBS) situada no interior do Rio Grande do Sul, bem como as repercussões/impactos do seu cotidiano laboral sobre sua saúde. A metodologia utilizada foi uma pesquisa-ação com base teórica e metodológica na Psicodinâmica do Trabalho, e para a apreciação dos dados utilizou-se a Análise de Conteúdo. Essa pesquisa identificou a grande dificuldade que o ACS encontra em se apropriar do seu espaço na UBS e seu sentimento de inferioridade, ocasionando profundo sentimento de desmotivação, desvalorização e desqualificação em relação à profissão. Contatou-se a ausência de espaços simbólicos para a construção da identidade dos ACSs, e de ações de reconhecimento por parte da equipe da UBS, em contrapartida, houveram relatos de sentimentos de utilidade e valorização por parte dos usuários do serviço. Os ACSs pesquisados apontaram satisfação em se considerarem agentes transformadores de vidas, mas ao mesmo tempo sobrecarga, pois colocam-se em posição de suprirem carências imensas da área da saúde e salvarem vidas, ultrapassando os limites e responsabilidades da função.

Paz (2004) e Dejours (2009) colocam que a valorização do próprio trabalho perpassa pela liberdade de executá-lo seguindo seu estilo pessoal e a possibilidade de reconhecimento em relação à utilidade do trabalho e a sua qualidade. Nesse sentido, Martins (2011) refletiu em sua pesquisa os seguintes pilares para a atribuição de sentidos dos trabalhadores e como modos de aumentar a sensação de bem-estar no ambiente de trabalho: a busca por realização no trabalho, tanto individual como coletiva, muito mais do que pela dimensão material relativa aos salários; e a possibilidade de participação nas decisões da organização, sentindo-se valorizado ao exercer certa liberdade e autonomia ao planejar suas atividades no conjunto da organização.

A pesquisa de Martins (2011) aponta que, o trabalho na APS, apesar de favorecer a construção de relações intersubjetivas, vínculo afetivo, relações de confiança e compromisso social, pode deixá-los mais vulneráveis à angústia e ao sofrimento. Essa vulnerabilidade decorre da natureza do trabalho de aproximação com a realidade e necessidades dos indivíduos, suas famílias, comunidade e território, expondo os profissionais a vivenciarem com mais intensidade as adversidades e a magnitude dos problemas.

Essa relação subjetiva com o trabalho, segundo Aguiar (2015), promove sentidos contraditórios: ora promove prazer, ora desprazer, gostar e não gostar, ora como essencial, como uma finalidade, como alimento, como capaz de emocionar, ora como gerador de desgaste, cansaço, doenças e desistências, que pode trazer implicações negativas para os sentidos e o desenvolvimento do trabalho.

Segundo Araújo e Penaforte (2016), além dos profissionais terem que lidar frequentemente com situações de vulnerabilidades, dor e sofrimento no trabalho na APS, enfrentam na atual conjuntura da saúde pública brasileira, questões estruturais e organizacionais precárias, escassez de recursos materiais e humanos, pressões exercidas pelos superiores por metas e resultados, excesso de demandas, falta de reconhecimento, baixos salários, dentre outros agentes estressores. Esses fatores extrapolam a capacidade de intervenção dos profissionais, representando barreiras para sua atuação, limitando ou impossibilitando a resolução das demandas da população, gerando frustração e sentimento de impotência no trabalhador.

Morin (2002) aponta valores, que a organização deve permitir aos profissionais, para desenvolverem atitudes positivas com relação às funções executadas, à instituição e a si: possibilidade de exercer o livre-arbítrio, desenvolver competências, acompanhar a evolução do desempenho, ressignificar as práticas e modificar a forma particular de lidar com as dificuldades. Ao fazer uma análise comparativa dos sentidos atribuídos ao trabalho na APS encontrados nos estudos, e descritos no quadro abaixo, me deparei com sentidos considerados pelo referencial teórico como estruturantes para o vínculo do trabalhador com o seu trabalho, mas que partem mais de uma identificação e investimento do profissional do que da organização.

A maioria das pesquisas apontaram que o trabalho na APS é capaz de proporcionar ao trabalhador: aprendizagem contínua e crescimento pessoal, sensação de prazer, identificação com todo o processo de trabalho, de modo que o trabalhador perceba sua importância, a construção de relações interpessoais satisfatórias, reconhecimento e apoio dos pares, e sentimento de contribuição social, de utilidade do resultado de um trabalho moralmente aceitável, justo e responsável. Porém, a construção desses sentidos perpassa a interrelação pessoal do trabalhador com a sua função, com os pares e a população.

Por parte da organização, a maioria das pesquisas apontaram que o trabalho na APS permite um futuro desejável, segurança de um salário digno e não permite o ócio. Porém, foi comum na maioria das pesquisas que o trabalho na APS não proporciona os sentidos apontados por Morin(2002) por parte da organização: possibilidade de exercer o livre-arbítrio, desenvolver competências, acompanhar a evolução do desempenho, ressignificar as práticas e modificar a forma particular de lidar com as dificuldades. Essas lacunas identificadas por meio dessa pesquisa, aponta para a deficiência de processos de desenvolvimento do trabalhador que lhe garantam sentidos estruturantes, como: o aprimoramento da variedade e diversidade de habilidades e competências, promovendo desafios associados à uma rotina de

feedback sobre os resultados das atividades executadas, possibilitando os ajustes necessários para alcançar os objetivos do desempenho traçado.

Além disso, a estrutura burocrática, distante, verticalizada e até mesmo político-partidária em alguns casos da gestão da APS, faz com que outro sentido estruturante não seja garantido por parte da organização: promoção de autonomia e liberdade para o trabalhador realizar suas tarefas, e capacidade de decisão. Segundo Jesus e Said (2008), a autonomia pode ser entendida como a capacidade que os profissionais têm para a tomada de decisões e resolução de problemas, sem estar presos a um nível de domínio ou de posição hierárquica. Esse ponto traz grande impacto negativo na motivação do trabalhador da APS, uma vez que são profissionais convocados, dentro do seu campo de especialidade, a tomar decisões importantes no processo de cuidado da população desde o início do seu processo de formação.

As barreiras organizacionais e, a falta de autonomia frente ao processo de trabalho e assistencial, desencadeiam sentimentos de impotência, pois o profissional não consegue vislumbrar a plenitude de seu trabalho, desencadeando a perda de sentido da atividade que realiza, impactando negativamente na resolubilidade e qualidade do cuidado da população.

Quadro 2- Comparação dos sentidos atribuídos ao trabalho na APS, encontrados nas pesquisas selecionadas na Revisão Integrativa, em consonância com o Referencial Teórico.

Sentidos do Trabalho segundo a Escola Sociotécnica e Morin (2002)	Martins (2011)- Dissertação/ Martins e Krawulsi (2011)- Artigo	Costa (2019)- Tese/ Costa, Araújo e Brito (2020)- Artigo	Lima (2019)	Oliveira (2019)- Tese/ Oliveira, Neto, Pontes, Martiniano e Alves (2022)- Artigo/ Oliveira, Sousa, Silva, Alves, Diniz, Medeiros, Martiniano e Alves (2020)- Artigo	Santos e Traesel (2018)- Artigo
1) Variedade das tarefas ou a diversidade de habilidades e competências para executá-las, desafio, retorno ou feedback sobre o resultado das atividades executadas, de modo que seja possível realizar os ajustes necessários para alcançar os objetivos de seu desempenho.					

2) Aprendizagem contínua e crescimento pessoal, gera prazer, e a identificação com todo o processo de trabalho, de modo que o trabalhador perceba sua importância.	Formação, condicionamento e realização pessoal.	Aprendizado; Maturidade.	Identidade profissional; Crescimento, prazer e realização profissional; Aprendizagem no trabalho; Satisfação pessoal.	Satisfação, prazer, realização e crescimento pessoal; Aprendizado; Identificação com o trabalho.	
3) Capacidade de decisão, autonomia e liberdade para a realização das tarefas.			Autonomia no desempenho de suas tarefas profissionais e cumprimento flexível de sua carga horária.		
4) O reconhecimento e o apoio dos pares e da organização. Permite a construção de relações interpessoais satisfatórias.	Reconhecimento	Reconhecimento	Equipe colaborativa	Reconhecimento e vínculo com a equipe.	
5) Contribui socialmente, a utilidade do resultado do trabalho, ser moralmente aceitável, justo e responsável.	Acreditar no serviço público; Possibilidade de devolução do investimento na formação à sociedade.	Relações Interpessoais entre equipe e usuários; Acolhimento e formação de vínculos; Utilidade; Possibilidade de ajudar pessoas; Mudar realidades.	Desenvolvimento de práticas sociais para atender às necessidades da população.	Se sentem úteis e importantes no que fazem; Vínculo com a população, inserção e contribuição social através um trabalho ético e moralmente aceitável.	Sentimentos de utilidade e valorização por parte dos usuários do serviço.
6) Permite um futuro desejável. Segurança de um salário digno e que não permita o ócio.	Criação familiar; Sobrevivência/fonte de renda; Profissão/emprego; Estabilidade financeira.	Fonte de sobrevivência; Inserção do profissional no ambiente de trabalho.	Fonte de renda, independência financeira e sobrevivência.	Meio de sobrevivência, de ter um emprego; Preenche o tempo de vida, evitando o ócio	

Fonte: Morin (2002); Tolfo e Piccinini (2007); Martins (2011); Costa (2019); Lima (2019); Oliveira (2019); Santos e Traesel (2018)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a minha experiência prática na APS, o referencial teórico e os achados encontrados nos estudos selecionados na Revisão Integrativa, chego às considerações finais de que, o trabalho na APS, não possibilita a construção de sentidos da relação do trabalhador com sua função, equipe e população por investimento da organização. De acordo com o referencial teórico, a organização necessita promover o estímulo de desafios, autonomia do trabalhador na coordenação das atividades e rotina de feedback sobre seu desempenho. Na prática da APS constatamos falta de estímulo e apoio ao trabalhador para realização de atividades de qualificação, educação permanente, afastamento para realização de cursos de pós-graduação, dentre outros. O investimento na aprendizagem dos profissionais da APS, para lidar com o processo saúde-doença das diversas populações do país, representaria avanço para melhoria da assistência à saúde como também crescimento para os profissionais. A Educação Permanente em Saúde possibilita a transformação das práticas profissionais e favorece a reflexão do processo de trabalho, autogestão, trabalho em equipe, proporcionando aprendizagem individual, coletiva e institucional.

O trabalho e as condições em que é realizado têm impacto sobre a saúde mental e bem estar dos trabalhadores. Os problemas de desempenho devem ser considerados como algo importante e preocupação dos administradores. Por isso, é fundamental reorganizar as estruturas das organizações e políticas de gestão de pessoas da APS, com foco nos profissionais e suas vidas profissional e pessoal. Para resolução dos problemas deverão ser construídos mecanismos de gestão que possibilitem a identificação rápida das causas dos problemas de desempenho, para a promoção, em tempo hábil, de soluções resolutivas e efetivas. É necessário uma postura de gestão que não vise, de forma quantitativa, somente à produção, aos resultados e ao cumprimento de metas e indicadores. Pelo contrário, a gestão deve se guiar pelo sentido da atividade, da subjetividade, da vivência, da experiência, valorizando as relações humanas, sociais e com os territórios.

A organização e gestão da APS devem investir em estratégias de promoção de autonomia do trabalhador, através da criação de espaços de discussão coletiva, para construção conjunta de soluções para o processo de trabalho e assistencial. Diferentes pontos de vista possibilitam dar sentidos à ação, avaliar sua pertinência e a construção de soluções criativas e resilientes para os problemas da APS, principalmente por parte de quem tem vínculo e sabe a realidade de perto da população. Foram pesquisas envolvendo diferentes categorias profissionais, de realidades distintas de APS e de regiões do país, e todas apontaram

que a efetiva participação do trabalhador no processo de trabalho e assistencial, depende da promoção de seu acesso ao lugar de sujeito, o que traz sentido para a sua atuação!

Esta pesquisa na literatura científica em interrelação com a minha prática profissional, confirmou as potencialidades do trabalho na APS para promover um trabalho com sentido para os profissionais, contribuindo para a preservação da saúde mental no processo de trabalho e a garantia de uma assistência de qualidade. Portanto, é preciso avanços por parte da gestão da APS, pois foi constatado que a insituição não contribui para a promoção de um trabalho com sentido para os profissionais e pode até levar ao seu adoecimento psíquico. Para alcançarmos um dos maiores objetivos da Saúde Pública e Coletiva, que é uma assistência efetiva e de qualidade, é preciso cuidar de quem cuida, buscando escutar dos trabalhadores os fatores que contribuem e impedem a construção de sentidos positivos sobre o seu trabalho.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. **Consciência e atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica.** In: BOCK, Ana Mercê Bahia; GONÇALVEZ, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (org.). *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015. Cap. 5. p. 117-136.

ANTUNES, Ricardo. **O mundo precarizado do trabalho e seus significados.** *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, [s.l.], v. 2, p.55-59, 1 dez. 1999. Universidade de São Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v2i0p55-59>.

ANTUNES, Ricardo. **O trabalho e seus sentidos.** *Revista Debate Sociedade*. Uberlândia, v. 1, n. 1, 2011.

ARAÚJO, Samila Torquato; PENAFORTE, Kiarelle Lourenço. **Riscos psicossociais relacionados ao trabalho: percepção dos profissionais de enfermagem.** *Rev Enferm Ufpe On Line*, Recife, v. 10, n. 11, p. 3831-3839, nov. 2016.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **PORTARIA Nº 2.436, DE 21 DE SETEMBRO DE 2017: aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde**, 2017. Disponível em: DESEMBARGADOR PEDRO SILVA. Acesso em: 20 ago. 2021.

BRIDI, Maria Aparecida; BRAGA, Ruy; SANTANA, Marco Aurélio. **Sociologia do Trabalho no Brasil hoje: balanço e perspectivas.** *Revista Brasileira de Sociologia*, vol. 6, núm. 12, 2018.

CAMPOS, J. F.; DAVID, H. M. S. L.; SOUZA, N. V. D. **Prazer e sofrimento: avaliação de enfermeiros intensivistas à luz da psicodinâmica do trabalho.** *Esc Anna Nery*. v. 18, n. 1, p. 90-5, 2014.

CHIAVENATO, Idalberto. **Iniciação à Teoria das organizações.** São Paulo: Manole, 2010.

CODO, Wanderley. **Um diagnóstico do trabalho.** In: BORGES-ANDRADE, Jairo E.; CODO, Wanderley; TAMAYO, Álvaro. (orgs). *Trabalho, Organização e Cultura*. São Paulo: Cooperativa de autores associados, 1996.

COSTA, Iluska Pinto da. **SENTIDOS DO TRABALHO E RESILIÊNCIA: vivências de profissionais da Estratégia Saúde da Família.** Tese (Doutorado em Enfermagem). Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.

COSTA, Iluska Pinto da; MOREIRA, Danielle de Araújo; BRITO, Maria José Menezes. **SENTIDOS DO TRABALHO E RESILIÊNCIA: articulação com os mecanismos de risco e proteção para resiliência.** *Revista Texto e Contexto Enfermagem*, v. 29, 2020.

DEJOURS, Christophe. **Entre o desespero e a esperança: como reencantar o trabalho?** Dossiê: qual é o sentido do trabalho? *Revista Cult*. São Paulo: Editora Bregantini, n. 139, ano 12, p.49-52, set/out 2009.

DEJOURS, Christophe. **Uma resposta durante o seminário “Sofrimento e prazer no trabalho”**. In: LANCMAN, S.; SZNELMAN, L. I. (Orgs.). Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. 3. ed. Brasília: Paralelo 15, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 62ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2016.

JESUS, M. S.; SAID, F. A. **Autonomia e a prática assistencial do enfermeiro**. Cogitare Enferm, v. 13, n. 3, p. 410-21, 2008. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/12996/8781>. Acesso em: 16 nov. 2017.

LIMA, Karina Martins de Oliveira Carvalho. **SENTIDOS DO TRABALHO PARA GERENTES DE UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE EM CONTEXTOS DE VULNERABILIDADES**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.

MARQUES, Adhemar; BERUTTI, Flávio; FARIA, Ricardo. **História Contemporânea através de textos**. São Paulo: Contexto, 1990.

MARTINS, Selma Aparecida Caselli. **COTIDIANO DE TRABALHO DE PROFISSIONAIS DA ATENÇÃO BÁSICA À SAÚDE: uma “arena” de sentidos, emoções, saberes e fazeres**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

MARTINS, Selma Aparecida Caselli; KRAWULSKI, Edite. **TRABALHO EM INTEGRAÇÃO COM A VIDA: trajetória de trabalhadores da atenção básica à saúde e construção de sua identidade profissional**. Revista Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, v. 15, n. 1, p. 115-134, 2011.

MERHY, E. E.; FRANCO, T. B. **Reestruturação do trabalho em Saúde**. In I. B. Pereira e J. C. França Lima (Orgs.), Dicionário da educação profissional em saúde. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 26ª ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MORIN, Estelle. M. **Os sentidos do trabalho**. In: WOOD, T. Gestão empresarial: O fator humano. São Paulo: Atlas, 2002.

MORIN, Estelle. M. **The meaning of work in modern times**. In: WORLD CONGRESS ON HUMAN RESOURCES MANAGEMENT, 10, 2004, Rio de Janeiro. Proceedings [...]. Rio de Janeiro: WFPMA, 2004.

MORIN, E.; TONELLI, M. J.; PLIOPAS, A. L. **O trabalho e seus sentidos**. Revista Psicologia e Sociedade, v. 19, n. 1, p. 47-56, 2007.

OLIVEIRA, Arleusson Ricarte de. **O TRABALHO DO ENFERMEIRO NA ATENÇÃO**

PRIMÁRIA À SAÚDE RURAL NO BRASIL. Tese (Doutorado em Enfermagem). Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.

OLIVEIRA, Arleusson Ricarte de; NETO, João Henrique Barbosa; PONTES, Debora Rafaella Queiroga; MARTINIANO, Claudia; ALVES, Marília. **Os sentidos do trabalho para enfermeiros da Atenção Primária à Saúde em áreas rurais.** Revista APS, 2022.

OLIVEIRA, A. R.; SOUSA, Y. G.; SILVA, D. M.; ALVES, J. P.; DINIZ, I. V. A.; MEDEIROS, S. M.; MARTINIANO, C. S.; ALVES, M. A **Atenção Primária à Saúde no contexto rural: visão de enfermeiros.** Revista Gaúcha de Enfermagem, 2020.

PAIVA, J. C. M.; BENDASSOLLI, P. F.; TORRES, C. C. **Sentidos e significados do trabalho: dos impedimentos às possibilidades do trabalho de pessoas com deficiências.** Rio de Janeiro: Estudo, Pesquisa e Psicologia. v. 15, n. 1, p. 218-39, 2015.

PAZ, Maria das Graças Torres. **Poder e saúde organizacional.** In: TAMAYO, Álvaro e cols. Cultura e saúde nas organizações. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTOS, Andréia Garcia dos; TRAESEL, Elisete Soares. **CLÍNICA PSICODINÂMICA DO TRABALHO: sentidos do trabalho para Agentes Comunitários de Saúde.** Revista Trabalho (En)Cena, p.18-33, 2018.

SCLIAR, Moacyr. **História do Conceito de Saúde.** Revista Saúde Coletiva Physis, Rio de Janeiro, 2007.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. **Revisão integrativa: o que é e como fazer.** Einstein, 8(1), 102-106, 2010.

TOLFO, S. R.; PICCININI, V. **Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros.** Psicol. Soc. v. 19, n.1, 2007.

WEBER, Max. **História geral da economia.** São Paulo: Mestre Jou. 1968.